



A MAGIA DA SIMPLICIDADE

Gabriela Silva¹

Tudo começou na fazenda onde morei por oito anos com meus pais adotivos, que também eram meus tios. Esse lugar sempre foi especial para mim, pois é o cenário de muitas memórias afetivas que marcaram minha infância.

Morávamos em uma casa enorme, cercada por árvores frutíferas – pés de goiaba, amora, manga, mexerica e até seriguela. O quintal parecia não ter fim. Quando saíamos pelos fundos da casa e seguíamos uma trilha de quinze minutos, chegávamos a uma cachoeira com água limpa e geladinha. Essa mesma água corria até o rio, que dava acesso à estrada da casa. Uma parte do rio era como uma praia, onde a água cristalina descia tanto pelas montanhas quanto pela cachoeira. Lembro-me de uma época em que a água tinha um tom azul tão vibrante que era impossível não parar para admirar.

Naquela época, nossa fazenda não tinha energia elétrica. À noite, a luz vinha de lamparinas e velas que espalhavam uma iluminação suave e dançante pelos cômodos. A ausência de eletricidade nos conectava ainda mais ao ritmo da natureza. O amanhecer com os primeiros raios de sol era nosso despertador, e à noite, as estrelas brilhavam intensamente, iluminando o céu como um espetáculo gratuito. Sem televisão ou outros aparelhos elétricos, nossas noites eram preenchidas por histórias contadas à mesa, os sons dos grilos e sapos do lado de fora e a companhia uns dos outros. Era simples, mas mágico.

Meu pai era o responsável pela fazenda, cuidando do gado, consertando cercas e roçando os pastos. Tínhamos nossas próprias criações de galinhas e porcos, além de uma horta cheia de vegetais, ervas e frutas que minha mãe cultivava com tanto carinho. Minha mãezinha sempre assava bolos, roscas e biscoitos, e os almoços eram feitos no fogão a lenha, que ficava na cozinha de fora. Na cozinha de dentro, mais moderna, quase nunca cozinávamos – parecia que o calor do fogão a lenha e o cheirinho da lenha queimando faziam tudo ter mais sabor.

A falta de energia não era um problema, mas sim parte da nossa rotina. Lembro-me de ajudar minha mãe com os bolos, amassando a massa à mão, e de como aproveitávamos o calor do forno para aquecer nossas mãos nas manhãs mais frias. À noite, a luz bruxuleante da

¹ Centro Universitário de Mineiros - UNIFIMES



lâmpada criava sombras engraçadas na parede enquanto escutávamos as histórias de antigamente que meu pai contava com tanta vivacidade.

Na maior parte do tempo, éramos apenas nós na fazenda. Quando fiz sete anos, passei a viajar de ônibus todos os dias para a cidade para estudar, e confesso que ficava contando as horas para voltar ao meu lar. A viagem até a escola era longa e cansativa. Eu acordava sempre cedo, por volta das 6h30, pois precisava fazer o dever de casa e tomar café da manhã. Às nove horas, já tinha que estar no ponto de ônibus, que ficava a cerca de dois quilômetros de casa. E a chegada Chegava em casa por volta das dez da noite e, em tempos de chuva, poderia chegar até meia-noite por conta da estrada enlameada.

Quando chegava o mês de férias, era sinal de casa cheia. Primos, primas, irmãos e irmãs enchiam a fazenda de alegria e risadas que ecoavam por todos os cantos. Nossa criatividade parecia não ter limites. Brincávamos de polícia e ladrão no meio do mato, correndo entre árvores e trilhas como se estivéssemos em uma grande aventura. Havia buracos formados por erosões, que se tornavam esconderijos perfeitos para nossas partidas intermináveis de esconde-esconde. Subíamos em árvores para pegar frutas ou simplesmente para explorar as alturas, sentindo o vento no rosto. Também brincávamos de casinha, usando folhas, galhos e até flores para criar nosso pequeno mundo imaginário. Éramos livres para explorar e inventar, e cada canto dessa fazenda tinha uma história para contar.

Como toda criança, eu também tinha minhas responsabilidades na fazenda. Ajudava minha mãe a aguar a horta, alimentava as galinhas e cuidava das tarefas diárias com dedicação. Um dos momentos mais marcantes foi quando ganhei uma vaca chamada Conxita. Na época, ela era apenas um bezerrinho, e tínhamos que amamentá-la com todo cuidado.

Ganhei Conxita do patrão no dia do meu aniversário, em uma casa cheia de gente. Ainda me lembro da confusão engraçada daquele dia: quando minha tia começou a brincar, dizendo que a Conxita era dela, o ciúme tomou conta de mim. Chorando e cheia de determinação, declarei que ela era minha, e ninguém poderia tirá-la de mim! A situação logo virou motivo de risadas, e o patrão, vendo minha reação, decidiu acabar com a disputa e me presenteou oficialmente com a bezerrinha. Foi assim que a Conxita se tornou minha companheira especial na fazenda, uma amizade que guardo com carinho até hoje.

Outro dia que ficou marcado em minha memória foi durante uma expedição imaginária que estávamos fazendo no meio do mato. Eu, minha prima, meu primo e minha irmã partimos cheios de entusiasmo, explorando cada canto como se fôssemos desbravadores. Na hora de voltar para casa, decidimos cruzar pela pinguela – uma ponte improvisada de madeira. Havia duas opções, mas, teimosos e movidos pela aventura, escolhemos passar pela pinguela que



quase ninguém usava. Era estreita e de uma altura consideravelmente alta, exigindo equilíbrio e coragem.

Fui a última a atravessar. Tudo parecia tranquilo até que ouvimos um barulho estranho. Olhei para o chão e me dei conta de que estava pisando em cima de uma cobra! A situação rapidamente se transformou em caos. Meu primo disparou correndo para buscar meu pai, minha irmã, em pânico, quase se jogou dentro do córrego, e minha prima, sem saber o que fazer, se pendurou em um galho finíssimo de uma árvore. Eu, completamente tomada pelo desespero, chorei e comecei a sapatear em cima da cobra.

A pobre cobra, desnorreada pelos meus pisões incessantes, acabou desistindo da situação e deslizou para longe, deixando-nos em paz. Só depois que o susto passou conseguimos rir de toda a confusão.

Até hoje, quando nos lembramos desse dia, não conseguimos conter o riso ao imaginar a cena caótica de gritos, correria e trapalhadas em cima da pinguela.

Na simplicidade da fazenda, aprendi o valor das conexões humanas, da natureza e da imaginação. Foram esses momentos, tão espontâneos, que me ensinaram que a vida é feita dessas pequenas coisas. A felicidade não está nas grandes conquistas ou em bens materiais, mas nas memórias que criamos junto de quem amamos.

Brincar, explorar e viver essas aventuras simples foram mais do que distrações da infância – foram aprendizados valiosos que carrego comigo até hoje. Na liberdade das brincadeiras, desenvolvi criatividade, resiliência e a habilidade de encontrar alegria nas coisas mais simples. Foram elas que moldaram minha forma de enxergar o mundo com curiosidade e gratidão.

Essas experiências, repletas de riso e descobertas, mostram que nunca é tarde para nos reconectarmos com o nosso lado mais leve, aquele que vê magia na simplicidade. E, talvez, essa seja a maior lição que a infância pode nos dar: a capacidade de encontrar felicidade no agora, de imaginar novos caminhos e de lembrar que, no fundo, é essa leveza que dá sentido à vida adulta.

Hoje, ao lembrar dessas memórias tão vivas e cheias de significado, percebo o quanto essa infância simples e genuína foi um presente. E é exatamente essa infância que desejo para meus filhos, uma vida repleta de liberdade, contato com a natureza e pequenas aventuras diárias.

Quero que eles aprendam o valor das coisas simples, que sintam o vento no rosto enquanto correm despreocupados, que tenham histórias para contar e que saibam que a verdadeira felicidade não está no que se tem, mas nos momentos vividos ao lado de quem se ama.

Sou imensamente grata aos meus tios, que não apenas me acolheram, mas me deram o título de filha. Com amor, dedicação e carinho, eles me mostraram o verdadeiro significado de família. Foram eles que me ensinaram valores essenciais, que moldaram minha personalidade e me ajudaram a ser quem sou hoje. Graças a eles, aprendi o poder do afeto, da educação e do cuidado genuíno. Tudo o que sou é reflexo do amor que recebi deles.